

ENSAIO

O desaparecimento do político intelectual

Uma geração que acreditava em ideias



Darcy Ribeiro em 1963

PEDRO MACHADO MASTROBUONO*

Quando eu era criança, acreditava que todas as casas eram iguais.

Imaginava que, em todas elas, homens passavam horas discutindo livros, universidades, países, revoluções, cultura, desenvolvimento e os destinos da América Latina. Supunha que fosse normal crescer ouvindo debates sobre educação pública, integração continental, identidade nacional e futuro.

Demorei muitos anos para compreender que aquela casa não era comum.

Meu pai havia sido ministro do governo de João Goulart. Foi preso diversas vezes. Na última delas, levaram não apenas o homem, mas também os livros. Hoje percebo a força simbólica daquele gesto. Não se confiscavam apenas objetos, tentava-se interromper uma forma de pensar.

Depois veio o exílio. Passei parte da minha infância em Lima, no Peru. E foi ali que conheci uma geração que talvez esteja desaparecendo da vida pública brasileira.

Darcy Ribeiro frequentava nossa casa. Almino Affonso frequentava nossa casa. Antes de seguir para outros destinos do exílio, outras lideranças políticas e intelectuais passaram por aquela mesa. Eu era apenas uma criança. Não compreendia a profundidade das discussões, mas absorvia a atmosfera. E a atmosfera era de ideias.

Não eram pessoas que concordavam em tudo. Muitas vezes discordavam pro-

fundamente. Divergiam sobre economia, estratégias políticas, caminhos institucionais e modelos de desenvolvimento. O que as unia não era uma doutrina única. Era uma convicção.

A convicção de que a política precisava dialogar permanentemente com sistemas de pensamento.

A sociologia não era um adereço. A antropologia não era uma curiosidade acadêmica. A história não era um ornamento cultural. A economia não era apenas uma planilha. Tudo isso fazia parte da maneira de compreender o País.

Talvez por isso Darcy Ribeiro tenha me marcado tanto.

Ele insistia em uma ideia que, à época, me parecia apenas uma frase bonita. Dizia que a diversidade cultural da América Latina era uma força civilizatória. Que

nossa pluralidade não era um problema a ser resolvido, mas uma potência a ser compreendida.

Enquanto grande parte do mundo ainda olhava para a América Latina como periferia, Darcy a enxergava como laboratório humano. Via em nossa mistura de povos, culturas, línguas e experiências históricas uma possibilidade singular de construção civilizatória.

Hoje percebo o quanto essa visão era ousada.

E percebo também o quanto ela dependia de uma característica que parece cada vez mais rara na política contemporânea: a disposição de pensar em escalas longas.

A geração daqueles homens cometia erros, naturalmente. Alguns erros graves. Não há sentido em romantizá-la.

Mas havia algo que se tornou escasso.

Eles acreditavam que ideias importavam.

Acreditavam que universidades importavam.

Acreditavam que cultura importava.

Acreditavam que educação importava.

Acreditavam que a política tinha a obrigação de responder a perguntas maiores do que ela própria.

Talvez seja justamente isso que esteja desaparecendo.

Não necessariamente o político honesto ou desonesto.

Não o político de esquerda ou de direita.

Mas o político intelectual. Aquele que se sente obrigado a dialogar com interpretações do mundo.

Aquele que entende que administrar não é apenas gerir recursos, mas também produzir sentido.

Em algum momento das últimas décadas, a política passou a se orgulhar da ausência de reflexão. A linguagem da gestão substituiu a

linguagem da compreensão. Os indicadores substituíram as perguntas. A eficiência tornou-se um fim em si mesma.

Evidentemente a gestão é importante. Evidentemente a eficiência importa.

Mas eficiência para quê? Essa talvez seja uma das perguntas mais darcianas que ainda podemos fazer.

Talvez por isso eu veja com esperança iniciativas que buscam recolocar o conhecimento no centro da vida pública.

No Memorial da América Latina estamos construindo, em parceria com USP, Unesp, Unicamp, Fapesp e outras instituições, o Distrito Acadêmico e Científico Latino-Americano. Um espaço onde pesquisadores, cientistas, professores e estudantes possam pensar conjuntamente os desafios da região.

Não se trata apenas de criar mais um centro acadêmico.

Trata-se de reconstruir uma ponte.

A ponte entre conhecimento e política pública.

A ponte entre universidade e sociedade.

A ponte entre pensamento e ação.

Em uma época marcada pela fragmentação, pela velocidade e pela dificuldade crescente de maturação das ideias, talvez o maior gesto de resistência seja simplesmente criar condições para que as pessoas voltem a pensar juntas.

Darcy Ribeiro compreendia isso.

Sabia que nenhuma sociedade produz futuro sem produzir reflexão.

Sabia que nenhuma política pública sobrevive muito tempo quando perde contato com o conhecimento.

E talvez seja exatamente essa a tarefa do nosso tempo.

Não recuperar respostas antigas.

Mas recuperar a coragem de formular perguntas grandes.

Quando eu era criança, exilados discutiam a América Latina na mesa de minha casa em Lima.

Décadas depois, percebo que o maior desafio talvez não seja reviver aquelas conversas.

Talvez seja criar novamen-

te os espaços onde elas possam acontecer.

**Presidente da Fundação Memorial da América Latina, pós-doutor em Antropologia Social agraciado com a Comenda Câmara Cascudo do Senado por sua trajetória na*

proteção ao patrimônio cultural nacional. Ex-presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), além de sócio-fundador e ex-presidente do Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. É também doutor honoris causa pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.



O conjunto arquitetônico, em construção, projetado por um dos maiores arquitetos brasileiros, Oscar Niemeyer

O texto de Mastrobuono suscita uma reflexão que vai muito além da política. No fundo, ele nos obriga a pensar sobre uma transformação silenciosa da própria ideia de civilização. Durante séculos, as sociedades acreditaram que o futuro nascia do encontro entre ação e pensamento. Governar era também interpretar o mundo. O poder não se legitimava apenas pela capacidade de administrar recursos, mas pela habilidade de formular visões de longo prazo sobre o destino coletivo. Hoje, porém, parece que vivemos uma época em que a velocidade passou a ser confundida com inteligência e a capacidade de resduzir informações disponíveis, ao mesmo tempo, talvez nunca tenhamos encontrado tanta dificuldade para construir narrativas comuns sobre quem somos e para onde desejamos ir.

O desaparecimento do político intelectual, portanto, não representa apenas a perda de um perfil de liderança. Representa a erosão de uma ponte histórica entre o conhecimento e a ação. Quando a política deixa de dialogar com a filosofia, a história, a literatura, a sociologia ou a antropologia, ela não se torna mais pragmática, torna-se mais pobre. Passa a enxergar a realidade apenas por aquilo que pode ser medido, contabilizado e transformado em indicadores. Contudo, os grandes problemas humanos raramente cabem em planilhas. A solidão, o pertencimento, a identidade cultural, a memória coletiva, o sentido da justiça e os sonhos de uma nação não podem ser reduzidos a gráficos. São questões que exigem imaginação moral, repertório histórico e capacidade de reflexão.

Talvez o aspecto mais comovedor do texto seja justamente a lembrança de uma época em que as divergências não impediam o diálogo. Aqueles homens que

se reuniam em Lima não compartilhavam necessariamente as mesmas respostas, mas compartilhavam algo mais raro: a convicção de que as perguntas eram importantes. Havia a consciência de que pensar um país exigia mais do que disputar o poder, exigia compreender a complexidade humana. Hoje, em muitos espaços públicos, observa-se o inverso. As respostas chegam antes das perguntas. As posições antecedem a reflexão. E a pressa em afirmar substitui a disposição de compreender.

Talvez a grande questão levantada pelo texto seja esta: uma sociedade pode produzir futuro sem produzir pensamento? A história sugere que não. As épocas que mais transformaram o mundo foram aquelas em que universidades, centros culturais, cientistas, artistas, escritores e líderes públicos participavam de uma mesma conversa civilizatória. O Renascimento, o Iluminismo, os movimentos de independência das Américas, os grandes projetos educacionais do século 20 nasceram desse encontro entre conhecimento e ação. Quando essa conversa se rompe, a sociedade continua funcionando, mas perde gradualmente sua capacidade de imaginar horizontes.

Por isso, o verdadeiro tema do texto não é a nostalgia, é a responsabilidade. Mastrobuono não parece lamentar apenas a ausência de certos personagens históricos. Ele sugere algo mais profundo: toda geração precisa decidir se deseja apenas administrar o presente ou também construir o futuro. E construir o futuro exige algo que nossa época frequentemente considera improdutivo: sentar-se à mesa, escutar ideias divergentes, formular perguntas difíceis e aceitar que algumas respostas talvez levem décadas para amadurecer. Afinal, as grandes obras da civilização nunca nasceram da urgência, nasceram da coragem de pensar além do próprio tempo. (Ana Maria Bernardelli)



Já de volta ao Brasil, nos anos 1980, Marco Antonio Mastrobuono e Oscar Niemeyer poucos anos antes da construção do Memorial da América Latina